

4º domingo depois de Pentecostes Próprio 9

1ª leitura (Antigo Testamento) - Ezequiel 2.1-7

Ezequiel era um sacerdote de Jerusalém que foi levado para a Babilônia na primeira deportação antes da destruição do primeiro Templo de Jerusalém (2 Rs 24:14). Uns anos depois acontece a destruição do Templo e uma segunda deportação de exilados (2 Rs 25:8-13). Ezequiel deve ter sentido uma profunda dor quando soube, através dos novos exilados, que o Templo de Jerusalém havia sido destruído e todos os objetos sagrados, inclusive a Arca da Aliança, haviam se transformado em meras peças do tesouro real babilônico.

Da tristeza do sacerdote exilado e humilhado nasce o profeta Ezequiel que busca reavivar o sentido da presença de um Deus "sem teto" adorado por um povo "sem terra".

A transformação do sacerdote derrotado no profeta inspirado que é descrita em Ez 2:1-7 é uma antecipação da própria missão profética de fazer renascer a fé e a esperança no povo exilado na Babilônia. Ezequiel precisa do Espírito de Deus para ficar de pé, pois ele está, assim como o povo, abatido (2:1-2). Os exilados haviam sido os governantes do povo que tinham sido antes advertidos por outros profetas como Amós (5:27), Miquéias (3:12) e Jeremias (5:24-27, entre outros). Agora estavam colhendo o fruto da sua maldade, mas não deviam ver isto como um castigo impiedoso, mas como uma oportunidade dada por Deus de transformação das suas vidas. Esta introdução permite que a palavra profética do SENHOR seja ouvida (2:4b-7).

Na missão do profeta chama a atenção a repetição do termo "rebelde/s". Uma "casa rebelde" (2:5,7-8) entre "nações rebeldes" (2:3). A palavra hebraica para "rebelde" ("meri") é muito usada por Ezequiel, aparecendo pouco em outros textos. O termo "rebelde/s" é definido em 12:2: "*Filho do homem, tu habitas no meio da casa rebelde, que tem olhos para ver e não vê, tem ouvidos para ouvir e não ouve, porque é casa rebelde*" (Almeida).

Então a rebeldia não consiste simplesmente em se opor a Deus, mas em não ver nem ouvir, isto é, se fechar à consciência do propósito de Deus. Rebeldes são as pessoas que se negam a ouvir e a dialogar, numa mistura de "reacionários" e "conservadores" (cf.2:4: "*Os filhos são de duro semblante e obstinados de coração*") e não os "revolucionários" como nos foi passado em época ditatoriais. Revolucionária é a ação profética que busca reverter o estado de desesperança e frustração destes ex-poderosos que viraram escravos. A rebeldia reacionária e conservadora é a que dificultará a tarefa do profeta como: "sarças, espinhos e escorpiões" (2:6). Assim como Jesus enfrentou os reacionários da sua época que não aceitavam que o Messias pudesse ser "*o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão*"; (Marcos 6:3, Almeida). (HMG)

2ª leitura (Epístola) - II Coríntios 12.2-10

Gloriar-se em Cristo na fraqueza parece ser o tema do trecho em foco.

No mundo greco-romano havia concessão de honrarias. Para se candidatar à honraria era preciso apresentar credenciais. Os méritos extraordinários reconhecidos conduzem os seus portadores aos portais dos imortais. Entre eles figuravam Rômulo, Júlio César, César Augusto e outros.

É preciso gabar-me? “Se for preciso...” (Paulo recorre à retórica) , a minha glória não está na maravilha que certo homem experimentou, mas na suficiência da graça de Cristo, (vs. 9) que eu, Paulo tenho experimentado”.

No que se refere a essa visão do paraíso, ela está vazada numa ironia. Ele ouviu palavras inefáveis, que não são permitidas ao homem repetir. E, também, não se sabe se ele foi arrebatado fora do corpo ou não. Frederick W. Danker vê certo paralelo entre a retórica de Paulo e o que foi dito por Heródoto e Aristófanes. Um deles descrevendo a parte principal do mistério disse: “não sei o que foi dito”. Então, que adianta ter glória no que foi ou não foi dito?

Ao invés de gabar-se no que é impossível de dizer, Paulo se gaba na graça da Cruz de Cristo, que se manifesta quando ele é fraco. A apresentação da visão maravilhosa perante os coríntios, certamente, fará crescer a sua imagem perante eles. Mas o seu desejo é tomar a Cruz de Cristo que lhe proporciona fortalecimento na fraqueza. Ele quer testemunhar que quem faz Paulo ser Paulo, a despeito de tudo, é o Cristo.

Se o Cristo tem algum valor diante da Igreja em Corinto, então, é preciso olhar para Ele. Essa parece ser a linha de argumentação do apóstolo. (ST)

Santo Evangelho: Marcos 6.1-6

Há pouco tempo ouvimos falar de um pastor luterano que afirmou não acreditar em Deus nem em ressurreição ou em qualquer outro tema da fé cristã. Sem querer discutir o mérito da questão, o que daria um ótimo debate sobre o fundacionismo ou o desconstrucionismo, temos que admitir ser estranho uma afirmação como esta. Seria o mesmo que ouvir um engenheiro descrever das leis da mecânica ou um médico descrever da cura.

No texto de hoje, Marcos relata a volta de Jesus a sua cidade e sua atuação na Sinagoga. Diante do que Jesus colocara, diante do desempenho e da capacidade reveladas por ele, diante da mensagem desafiadora que fora exposta, por inveja ou por medo, não sabemos, Jesus é rejeitado pelos seus. Ser rejeitado por um estranho pode até parecer algo compreensível, mas por aqueles com quem crescemos é algo duro. Por isso propomos para nossa reflexão para hoje o seguinte tema: Quando a incredulidade parece mais dura.

Em primeiro lugar, a incredulidade parece mais dura quando vem das pessoas mais próximas (v.1). Conforme colocamos, quando somos rejeitados por pessoas estranhas e desconhecidas, as coisas parecem está seguindo o caminho normal. Mas quando aqueles que nos rejeitam são justamente aqueles que nos conhecem desde a infância, aqueles que cresceram ao nosso lado e que compartilhavam de nossa amizade e confiança, então as coisas parecem estar erradas. Jesus conhecia cada um daqueles que estavam se levantando contra ele na cidade. Ele era capaz de contar as vezes em que os dois estiveram juntos, brincando ou andando pelos caminhos de Nazaré. Mas agora ele era rejeitado.

Em segundo lugar, a incredulidade parece ser mais dura quando desconsidera as evidências (v. 2). Enquanto Jesus se encontra na Sinagoga, pregando durante o serviço religioso, os líderes da comunidade estão discutindo sobre sua pessoa. O problema é que sua motivação parecia não ser a mais adequada. Eles, além de rejeitar aquele que havia crescido com eles, estavam rejeitando também, as evidências que se impunham diante de seus olhos. Eles rejeitavam a evidência de que seu ensino era surpreendente. Até mesmo outros fariseus admitiam isto e diziam que ele pregava com autoridade. Eles rejeitavam a evidência de que pessoas estavam sendo abençoadas por seu intermédio. Muitas pessoas eram curadas por Jesus e as notícias estavam chegando até Nazaré. Eles rejeitavam a evidência da coerência entre o ensino e a vida. Jesus não vivia uma vida dupla. Sua vida e seus atos estavam em completa união.

Finalmente, a incredulidade parece mais dura quando a perspectiva é mesquinha (v. 3). Quando viram a autoridade e a integridade com que Jesus pregava, eles passaram a desconsiderar seu ensinamento apelando para a pobreza e para a simplicidade da família de Jesus. Aquela era uma família sem projeção na sociedade do lugar. Era uma família humilde, sem tradição, distante da hierarquia social. Uma família de pessoas simples que viviam de um trabalho digno. Para os líderes da Sinagoga, a ausência de uma linhagem era determinante. Jesus, como eles, não descendia de uma linhagem de autoridades, mas era filho de um humilde carpinteiro.

Os judeus foram um povo ricamente abençoado por Deus. Eles receberam toda a revelação no Primeiro Testamento; receberam a manifestação dos profetas e viram as ações miraculosas e os livramentos de Deus. Agora estavam com suas mentes e corações completamente obliteradas para a ação de Deus. E porque? Por causa de seus preconceitos e arrogância. A igreja também precisa tomar cuidado para não cair na mesma armadilha. Não devemos rejeitar a ação de Deus simplesmente por que ela é feita por alguém que não se ajusta dentro dos nossos padrões estabelecidos. (JLFA)